



Ministério da Educação - MEC
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD
Coordenação de Integração de Políticas de
Educação a Distância – CIPEAD



**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM MÍDIAS INTEGRADAS
NA EDUCAÇÃO – 2010**

1ª TURMA 2010



RESGATE DE VALORES NA ESCOLA PÚBLICA:

**Uma alternativa para acabar com a
indisciplina e a violência na Escola**

por

ZELIR GUBERT

CURITIBA

2011

RESGATE DE VALORES NA ESCOLA PÚBLICA:

Uma alternativa para acabar com a indisciplina e a violência na Escola

por

ZELIR GUBERT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Mídias Integradas na Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Luis Gabriel Abravanel dos Santos

CURITIBA
2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida e pela força nos momentos mais difíceis da realização deste trabalho.

Aos meus familiares (marido e filhos) sempre tão pacientes e compreensivos, pelo carinho e incentivos dados na trajetória deste curso.

Às colegas da escola que responderam ao questionário e, assim, contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao Departamento de Educação de Palmas, Paraná, na pessoa da professora Regina Beatriz Hister, Dd. Diretora, que me apoiou e me serve de exemplo, nas condutas e na vida.

Ao professor Luis Gabriel Abravanel dos Santos, meu orientador neste trabalho, pelo qual sou muito grata por tudo o que fez por mim e me orientou.

Dedico este trabalho a Joenilson, Patricia, Leonardo, Leticia e Ana Eliza Tauchert, que sempre me deram muita força, apoio, amor e carinho. Amo vocês!

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
SUMÁRIO	5
RESUMO	7
1 – INTRODUÇÃO	8
2 – PROBLEMA DE PESQUISA.....	9
3 - JUSTIFICATIVA.....	10
4 – OBJETIVOS.....	10
4.1– Objetivo Geral:	10
4.2 – Objetivos Específicos:	11
5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
5.1 – Compreendendo os valores, moral e ética	11
5.2 – Compreendendo a Disciplina e a Indisciplina	12
5.3 - O estabelecimento de limites pela família	14
5.4 – A Indisciplina no cotidiano escolar	16
5.4.1 – A Função da Escola	16
5.4.2 – A postura do educador e do educando na ação Educacional	18
5.5 – A violência escolar: desafios ao docente	20
5.5.1 – O papel das mídias na indisciplina: pontos negativos x positivos	21
5.6 – O resgate de valores éticos e morais na construção da disciplina escolar	23
5.6.1 – O Papel da Família	24
5.6.2 – A contribuição da Escola no processo de resgate de valores.....	26
5.6.3 – A construção de regras coletivas.....	28
6 - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	30
6.1 – Metodologia:.....	30
6.2 – Investigação da indisciplina no cotidiano da escola:	31
6.2.1 – Análise da Coleta de Dados.....	31
6.2.2 – Observações dos alunos.....	37
6.2.3 – Conversas com os alunos e debates	38
6.2.4 – Conversas com as famílias	39

6.2.5 – Possibilidades de intervenção	39
7 - CONCLUSÕES	41
8 – REFERÊNCIAS:.....	43
9 - ANEXOS.....	47
9.1 – Anexo 1	47
9.2 – Anexo 2	51
9.3 – Anexo 3	53

RESUMO

Esta pesquisa mostra os principais fatores que alguns professores de escolas públicas apontam como conseqüência das manifestações de indisciplina no cotidiano escolar e o que estes podem fazer para lidar com ela. Através de uma pesquisa de campo constatou-se que, devido às mudanças na sociedade, o papel da escola também mudou, fazendo com que alguns valores importantes, que antes eram atribuídos à educação pela família, fossem agora transmitidos e ensinados pela escola.

A partir de uma pesquisa bibliográfica foram abordados: a questão da disciplina e limites no ambiente escolar, a função da escola, a postura do educador e do educando na ação educacional, a questão da autoridade do professor, e a perspectiva de mudança, a partir da construção coletiva de normas no ambiente escolar. Tal etapa foi importante, na medida em que, contribuiu para a compreensão do aparecimento da indisciplina no cotidiano escolar e que práticas poderiam ser adotadas para minimizar ou acabar com a problemática. Ao final desse trabalho apresenta-se a conclusão tanto da pesquisa teórica quanto a de campo, enfatizando a importância da construção coletiva das normas e regras no ambiente escolar. Demonstra-se que tanto escola como família precisam caminhar juntas para atingir os objetivos: resgatar os valores que há tanto foram perdidos e/ou esquecidos para que desta maneira se tente erradicar ou pelo menos minimizar a indisciplina no contexto escolar.

1 - INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm-se observado constantes reclamações de educadores e grandes ocorrências de indisciplina no cotidiano escolar por parte dos alunos.

Devido às transformações na sociedade ao longo do tempo, como por exemplo, a falta de emprego, o aumento da pobreza e da violência, e a saída das mulheres em busca do seu espaço no mercado de trabalho, a família, que é a outra instituição responsável pela educação das crianças, também foi afetada, e a convivência entre pais e filhos sofreu mudanças, trazendo grandes reflexos nos meios escolares.

A manifestação da indisciplina pode ocorrer tanto na escola, nas salas de aula e, até mesmo, nos meios sociais. Todos os envolvidos com a indisciplina, pensam e repensam as suas causas e tentam buscar soluções. Questiona-se de que maneira pode-se fazer com que ela seja minimizada: resgate de valores éticos e morais? Castigos, recompensas?

A importância deste estudo recai no fato da questão da indisciplina estar bastante freqüente atualmente, e alguns professores não sabem como lidar com ele. Eu, como professora de primeiro segmento, vivo e convivo com a indisciplina e algumas vezes a violência no cotidiano escolar, e em alguns casos, me vejo sem saber o que fazer, ou que atitude tomar perante tal situação: dar castigo ou não dar castigo? As situações nos fazem comparar como era o cotidiano escolar há alguns anos atrás e como ele é hoje.

Para que se pudesse compreender melhor a problemática que envolve a questão da indisciplina e violência, o presente estudo baseou-se em leitura acerca do tema e posterior reflexão, com o objetivo de auxiliar professores a saberem lidar com a indisciplina, violência e, mesmo o bullying.

No primeiro momento, abordou-se os conceitos de disciplina e limites dando ênfase aos conceitos de disciplina, conforme alguns teóricos, e das primeiras interações do indivíduo com a família no estabelecimento dos limites. Abordou-se também uma fundamentação no tema do bullying, tão comentado no momento e tão presente há bastante tempo nos bancos escolares, porém só agora com nome próprio.

No segundo momento, abordou-se a questão da indisciplina no cotidiano escolar, enfatizando a função da escola na questão da indisciplina, da postura que o educador e o educando apresentam na ação educacional, a questão dos castigos e das recompensas e da importância da construção de regras coletivas no ambiente escolar.

Finalizando e concluindo as etapas do presente estudo, tratou-se da investigação da indisciplina e da violência num ambiente de uma escola pública, em particular da Escola Municipal Professora Terezinha Marins Pettres localizada em Palmas Paraná, onde existem problemas de comportamento com os alunos, indisciplina e degradação de valores com os mesmos, onde foi feita a pesquisa de campo com alguns professores, e, a partir daí, realizada uma análise dos fatores apontados por estes educadores como causadores da indisciplina no ambiente escolar. Esta coleta foi desenvolvida por meio de questionário, onde os professores responderam perguntas relacionadas à indisciplina, de quando ainda eram estudantes e, compararam com a questão da indisciplina nos dias atuais, manifestada através do comportamento de seus alunos. Em seguida a esta pesquisa com os educadores foi realizada uma pesquisa nas Atas e registros de intervenções (documentos da Escola) para se obter informações que embasassem o estudo, exemplo: manifestações dos alunos quanto à violência física e moral, indisciplina, etc. A pesquisa de campo será apresentada em sua íntegra ao final deste estudo, assim como os anexos das Atas e ocorrências referidas.

Este estudo visa observar de onde provem os problemas e assim, resgatar valores dentro deste estabelecimento de ensino, fazendo uma ponte com as famílias e a comunidade em que a escola está inserida.

2 – PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa da presente pesquisa é: Qual é a relação entre o problema de comportamento dos alunos e sua base moral e ética?

Ultimamente temos enfrentado, como educadores, muitos problemas dentro da instituição escolar que se referem à desvalorização da ética, da

cidadania, dos valores morais. Problemas estes que se definem como vandalismo, agressões verbais ou corporais, falta de respeito em relação ao outro, da solidariedade, da gratidão, da honestidade, da integridade, enfim o bom uso da educação informal que recebemos, ou teríamos que receber, dentro de casa, assim como as palavras significativas para o bem estar de todos.

Estes alunos problemáticos estão inseridos numa comunidade carente, com infraestrutura ruim, que passam algumas dificuldades, tanto na alimentação quanto econômicas em geral. Por isso, seus pais com pouco estudo não conseguiram transmitir uma boa educação, com os valores necessários à uma convivência decente com a sociedade.

Acredita-se que o melhor caminho é as famílias se aliarem aos educadores e vice-versa, formando um encaixe com a educação não-formal.

3 - JUSTIFICATIVA

Considera-se importante a realização desta pesquisa por conhecer a problemática das crianças da comunidade, e a violência social presente nos dias de hoje, sendo um meio de contribuir com a redução da agressividade.

Avalia-se também que, com o apoio dos pais, consigamos ter alunos menos indisciplinados e menos ausentes durante a aula, com atitudes mais harmoniosas sobretudo na maneira como se dirigem aos seus professores.

4 - OBJETIVOS:

4.1- Objetivo Geral:

Identificar a relação entre os problemas comportamentais dos alunos vivenciados pela sociedade escolar e a degradação dos valores morais por parte dos mesmos.

4.2 – Objetivos Específicos:

- Observar as ocorrências de atritos e agressões que ocorreram com os alunos durante o ano letivo
- A partir destas observações pesquisar o que os levou a cometer tais atos
- Entrevistar pais sobre como aplicam a educação das crianças
- Proporcionar momentos de conversas entre pais e educadores demonstrando que as agressões e indisciplina provem de relações externas
- Apresentar a comunidade escolar os resultados da pesquisa de maneira a auxiliar na realização de projetos que busquem melhorar a qualidade das relações família x escola

5 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 – Compreendendo os valores, moral e ética

Conforme Martinelli (1999), “Os valores humanos conscientizados e vivenciados individualmente, em família e na escola serão certamente o fermento que fará crescer a fraternidade, a compaixão, a reverência e a cooperação como esteios da criação de uma nova sociedade.”

Assim, pensa-se que ninguém sozinho conseguirá resgatar estes valores que há muito se perderam e deixaram de se fazer presentes nas relações cotidianas.

“Com a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional n. 9.394/96 - LDB - e a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN -, a discussão acerca da ética e cidadania tornou-se mais corrente, uma vez que tais documentos apontam esses termos como elementos-chave para a educação no país. Observa-se, nesse sentido, que as discussões que envolvem o conceito de ética, moral e civismo estiveram e ainda estão presentes no campo educacional, seja mediante disciplinas como Educação, Moral e Cívica; Organização Social e

Política Brasileira; Estudo dos Problemas Brasileiros; pela via do Ensino Religioso, ou, mais recentemente, por meio dos temas transversais.” (AMARAL, 2007).

Assim, pretende-se envolver os temas transversais, dentro da legislação, para poder inserir no contexto escolar este tema tão imprescindível para prevenir problemas de mau comportamento e indisciplina de alunos problemáticos

Segundo Fernando Savater, ética não é mais que uma tentativa racional de como viver melhor consigo mesmo e com os outros. “Para que os outros possam fazer-se humanos, têm de agir conscientemente e com responsabilidade” (SAVATER, 1996).

5.2 – Compreendendo a Disciplina e a Indisciplina

A questão da indisciplina no cotidiano escolar envolve alguns fatores que serão analisados ao longo desta pesquisa. Entre eles está a compreensão dos diferentes conceitos de disciplina e o entendimento da importância do estabelecimento de limites pela família e pela escola. Os conceitos de disciplina podem ser interpretados de maneiras diferentes por vários autores, por isso merecem ser comentados.

De acordo com depoimentos informais colhidos de alguns educadores no ambiente escolar no qual foi realizado este estudo, a disciplina pode ser entendida como o bom comportamento do aluno, sua conduta e postura perante os atores da instituição escolar, entre eles, diretor, professores e funcionários.

Para estes educadores, ter disciplina significa o aluno manter-se em condição de passividade com relação às ordens, regras e normas da escola. A visão destes educadores vai ao encontro com o que se pensava antigamente. Segundo CHAGAS (2002), considerava-se como disciplinado o aluno que fazia tudo o que o professor e o diretor mandavam. A disciplina era o conjunto de regras estabelecidas para o bom funcionamento da escola. E, além do respeito a essas regras, exigia-se do aluno bem disciplinado que obedecesse sem discutir a qualquer desejo do professor. O conceito de disciplina era apostado ao conceito de

personalidade do educando. Segundo o dicionário FERREIRA (2002, p.239) o termo disciplina refere-se a um “regime de ordem imposta ou mesmo consentida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; relações de subordinação do aluno ao mestre ou submissão a um regulamento.”

Pode-se dizer que um aluno disciplinado é aquele que acata ordens ou regras da escola, que não tem liberdade nem autonomia para agir com responsabilidade em suas decisões. É o aluno que simplesmente obedece.

Segundo MORESCO e SILVA (2003):

A disciplina parece ser vista como obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao ordenamento, ajustamento e controle desejados de cada aluno e da classe como um todo. (p. 10)

Os educadores entendem a indisciplina como qualquer inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos.

Apesar de crianças menores não compreenderem muito bem algumas regras, e este comportamento é traduzido pelo professor como desobediência, não se pode utilizar de qualquer prática punitiva ou castigo, pois o que poderia ser resolvido através de conversa, de diálogo, pode ser transformado em rebeldia, em comportamento agressivo ou indisciplinado.

É importante que este comportamento infantil não seja transformado em liberdade total. Explicar as crianças o que deve e pode ou não ser feito, é o primeiro passo para a construção de regras, de acordos entre professor e aluno.

Apesar de crianças menores não compreenderem muito bem algumas regras, e este comportamento é traduzido pelo professor como desobediência, não se pode utilizar de qualquer prática punitiva ou castigo, pois o que poderia ser resolvido através de conversa, de diálogo, pode ser transformado em rebeldia, em comportamento agressivo ou indisciplinado.

Segundo TIBA (1996), a disciplina escolar pode ser entendida ainda como um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do

aprendizado escolar. Ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola.

O conceito dado por este autor considera que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem devam obedecer às regras, mostrando não ser apenas responsabilidade do aluno ou de sua família.

Quando todos os atores do ambiente escolar tomam consciência da importância da sua participação na construção da disciplina, os objetivos comuns tendem a ser alcançados com maior facilidade e com resultados positivos.

5.3 - O estabelecimento de limites pela família

Segundo VASCONCELLOS (1994), nos dias atuais, o grande foco da crítica e da atribuição de responsabilidade pelos problemas de indisciplina na escola está sendo o aluno e especialmente sua família.

É na família que a criança estabelece as primeiras interações. Desde seu nascimento, a criança é educada e orientada pelos seus familiares a construir valores que serão muito importantes para a vida. A construção da disciplina nas primeiras interações familiares faz com que a criança cresça e compreenda que passo deva seguir, o que é certo ou não fazer, ou seja, ajuda à criança a estabelecer seus limites. Quando isto não ocorre e a criança cresce num ambiente sem regras, sem limites, o conflito está criado. A criança acha que pode fazer o que quer, na hora que quer.

Para o autor VASCONCELLOS (1994), é verdade que, nos dias de hoje, existem muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação à escola, transferindo responsabilidades para a escola, entre outros:

Tudo isto é verdade. Objetivamente, a família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória: estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos. Neste sentido, os educadores têm razão em levantar esta falha. No entanto, esta é a manifestação imediata; isto é o que parece. O que não se tem feito é ir além desta constatação... (p. 22)

Devido às mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos, fatores como a concentração de renda e o consumo influenciaram a dinâmica familiar, fazendo com que o homem trabalhe mais, a mulher vá para o mercado de trabalho, o desemprego preocupe as famílias e que haja uma redução no tempo de permanência dos pais com seus filhos.

A este respeito escreve VASCONCELLOS (1994):

Os responsáveis pela família de classe pobre acabam tendo que trabalhar mais para poder garantir a sobrevivência. Os de família de classe média e alta, de um modo geral, trabalham mais para poder consumir mais um padrão de vida sempre mais elevado que os demais.(p. 25)

Para a família e, principalmente os pais, estabelecer os limites de seus filhos está cada vez mais difícil. Movidos pelos sentimentos de culpa de trabalhar muito e não ter tempo de dar amor, atenção e afeto aos filhos, os pais fazem todas as suas vontades. Na verdade, temem que suas relações afetivas com seus filhos sejam afetadas e que os filhos os reprimam com sentimentos de raiva, ódio, agressividade e frustração. Muitos pais não proíbem com medo de causar frustração e trauma no filho. Quando não se coloca limite no comportamento, a criança não aprende quais são as regras, o que é certo e errado na vida e sociedade, e acaba não sabendo respeitar os limites dos outros.

Os pais perdem-se na liberdade dada aos filhos. Dar liberdade não significa deixar as crianças fazerem o que bem entendem, até porque se deixar, as crianças só fazem o que têm vontade.

Os seres humanos sabem sofisticar a saciedade dos seus instintos e superar as dificuldades, solucionando conflitos para atingir a felicidade. Naturalmente a criança quer fazer apenas o que tem vontade. É a educação dada pelos pais que a capacitará a determinar o que deve ou não ser feito, com quem, quando e onde.

É muito importante dar limites às crianças ainda pequenas, para que possam aprender a respeitar os seus direitos e os direitos dos outros, o que favorece a convivência em grupo. Ensinando limites, as crianças aprendem que tudo tem um momento a se realizar, que muitas coisas podem ser feitas e

outras não e que existem necessidades na vida que são mais importantes que um simples desejo ou vontade de querer fazer algo.

Disciplinar uma criança é ensiná-la a construir seus próprios limites. Este é um papel da família porque é sua responsabilidade. A escola é uma instituição que pode colaborar com os pais, mas não pode substituir.

Quando os pais trabalham adequadamente nesse sentido e, a cada oportunidade que surge, calmamente(...), estabelecem limites – isto é, concordando e incentivando as atitudes positivas e criticando as negativas –, com o passar de alguns anos, a criança terá aprendido as regras básicas de convivência e iniciado de forma sólida o processo de socialização.... (ZAGURY, 2002, p. 36)

Mas dar limite não significa ser autoritário, exercendo o poder sobre a criança e utilizando apenas como referencial o seu ponto de vista. Deve-se agir com autoridade, e esta se baseia no respeito. Pode também agir com firmeza, mas sempre tentando proteger ou direcionar o bem em favor da criança.

Segundo ZAGURY (2002, p. 43), “a criança que não aprende a ter limite, cresce com uma deformação na percepção do outro.” Desta forma, a criança só se importa com seu prazer, seus desejos, seu bem-estar, o seu querer, ocasionando algumas deficiências que acabam por afetar seu aprendizado, tais como o desinteresse, a falta de concentração e de persistência e o desrespeito.

O mais importante em estabelecer limites na educação das crianças é que se estará ajudando a se tornarem mais disciplinadas. Com o tempo, a criança aprende a se conduzir na sociedade, adquire valores, respeito por si e pelos outros e aprende a conviver em sociedade, o que será fundamental para o seu desenvolvimento no ambiente escolar.

5.4 – A Indisciplina no cotidiano escolar

5.4.1 – A Função da Escola

No meio educacional, a indisciplina é entendida como a manifestação de um indivíduo ou grupo através de um comportamento inadequado, falta de educação, na desobediência, bagunça, agitação e no desrespeito às normas de comportamento ou regras da escola. Percebe-se que estas manifestações de indisciplina aumentaram com o passar do tempo, tendo em vista as grandes reclamações dos profissionais de educação nos dias atuais.

Nos dias atuais, devido às mudanças sofridas na sociedade e também na escola, estas práticas totalmente tradicionais, foram substituídas por práticas liberais, que tornam o cotidiano escolar um ambiente quase sem controle e É de extrema importância que a escola compreenda a disciplina como um problema que diz respeito não só ao aluno, mas também a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e, principalmente, a maneira como a escola desenvolve e organiza o seu trabalho. Faz-se necessário designar um sentido a escola. A este respeito escreve VASCONCELLOS (1994):

No esquema de esforço-recompensa, a escola já não consegue dar a recompensa (ascensão social), levando ao desinteresse pelo esforço: "Porque eu vou estudar se o meu tio estudou tanto e hoje está desempregado..." Já o meu pai nem estudou e hoje está bem de vida..." Devemos estar preparados para responder à questão chave, que está mais do que nunca na cabeça dos alunos: "Estudar para quê?" Evidentemente, só podemos responder a esta questão inserindo-nos no âmbito de um projeto social maior. É preciso uma tomada de consciência de que nosso sistema sócio-político-econômico-cultural é excludente, não havendo "lugar" para todo mundo. daí a necessidade de ganharmos o aluno para a indispensável mudança que deve ocorrer: não se trata mais de simplesmente estudar para "garantir o meu lugarzinho no bonde da história"; trata-se, isto sim, de estudar a fim de ganhar competência para ajudar a mudar o rumo deste bonde...(p. 58).

Quando a escola transpassa o seu verdadeiro sentido para seus educandos, a compreensão é maior e encontra-se mais facilidade em construir os objetivos comuns que serão importantes para alcançar a disciplina desejada.

5.4.2 - A postura do educador e do educando na ação Educacional

Nas situações que envolvem o surgimento da indisciplina, é muito importante a maneira que o educador age com seus alunos, ou seja, a sua postura diante das manifestações do problema.

Segundo VASCONCELLOS (1994), o educador pode ter duas posturas contraditórias na relação educacional com seus alunos. Estas posturas envolvem a repressão ou a liberdade total. Sabe-se que educadores que agem de maneira repressiva a toda manifestação de indisciplina de seus alunos, podem ser comparados a um modelo de escola e de professor tradicional, aquele que não respeitava e não ouvia os interesses e idéias dos alunos.

Assim escreve VASCONCELLOS (1994):

A classe silenciosa e aparentemente atenta, o aluno submetido às regras formais de tratamento aluno-professor (e por isto, passasse uma falsa imagem de respeito): este é o ideal educacional destes professores, que vêem em qualquer espaço de liberdade para os alunos um terrível monstro subversivo, corrosivo, que os aniquilará sem dó nem piedade. (p. 29)

Pode-se pensar que desta forma, a postura repressiva do professor transmite ao aluno uma sensação de insegurança, de dúvidas quanto a que tipo de professor ele tem. A relação que poderia ser traduzida em carinho e afeto entre os participantes da ação pedagógica acaba “desenvolvendo um ódio surdo e paralisante que, por debaixo da falsa harmonia do respeito formal, destrói o relacionamento e o compromisso educacional” (VASCONCELLOS, 1994, p. 30).

A postura liberal de um educador pode levar a diversas e constantes manifestações de indisciplina dos alunos. Os profissionais que agem assim, costumam deixar os alunos livres para “aprender”, para desenvolver sua autonomia e a responsabilidade nos seus atos. Não gostam de reprimir, por considerarem a repressão uma prática tradicional e ultrapassada. Porém, deixar os alunos livres para agir da maneira que quiserem pode trazer conseqüências ainda mais graves nos comportamentos

dos alunos. Esta postura exalta o descompromisso tanto do professor quanto do aluno, e a ação pedagógica traduz-se no fingimento daquele que ensina e daquele que aprende.

VASCONCELLOS (1994) vai além quando cita:

o professor passa por “omisso”, é desmoralizado pelos próprios alunos “libertados”, que o vêem como pusilânime e incompetente, resultando gritaria, confusão, irritação, desgaste e desespero do professor, reclamação de pais, alunos e outros professores, baixa produção intelectual, clima de laissez-faire, descompromisso, enfim, um verdadeiro caos pedagógico. Muitos professores chegam a suportar tudo isto, sofredamente, mas se “orgulham” de não ter recorrido a métodos mais “autoritários”. A “liberdade” desaba sobre as costas do professor, destruindo-o pedagogicamente e desenvolvendo nos alunos os sentimentos mais egoístas e mesquinhos. (p. 31)

Analisando as duas posturas, repressiva e libertadora, pode-se constatar que a primeira parece possuir resultados mais positivos, a partir do momento em que não resulta na manifestação de indisciplina dos alunos. Porém a relação professor/aluno fica abalada e sem estrutura. A segunda postura peca na sua própria liberdade e acaba sofrendo as conseqüências da indisciplina.

Para VASCONCELLOS (1994), não há em nenhum dos dois momentos um reconhecimento dos educandos como homens, cidadãos iguais e de compromissos conscientes. O resultado do comportamento é de um descompromisso e de um ódio mútuo, que transforma o movimento educacional num processo destrutivo. E é do educador a função de assumir a realidade que tem no cotidiano escolar e não ficar se lamentando pelos problemas ou conflitos que aparecem.

Diversos fatores podem levar as causas da indisciplina, entre eles a família, a carência, a influência da mídia etc., mas o professor tem o papel de ser sujeito da história pedagógica na escola e não pode ficar sonhando com alunos ideais.

É através do reconhecimento da realidade que tem, que o professor pode tentar transformá-la para o bem do desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos.

A postura do educador também envolve a sua autoridade. Mas nos dias atuais não tem sido tarefa fácil consegui-la. Muitos professores confundem autoridade com autoritarismo, o que pode provocar manifestação de indisciplina por parte dos alunos e o conflito se estabeleça na sala de aula. É importante entender que a autoridade se constrói e é através dela que o professor conseguirá conquistar seus alunos.

Por isso a importância da postura do professor na formação das novas gerações. O desenvolvimento dos seres humanos é mediado pelo trabalho do professor. É na sala de aula que se estabelecem complexas redes de relações e é destas relações que podem surgir conflitos. Por isso, o professor precisa estar atento para perceber estas manifestações, caso contrário vai transferir para si ou para os alunos tais conflitos.

5.5 - A violência escolar: desafios ao docente

A violência escolar tem se constituído, nos últimos anos, em um problema social de amplitude mundial. Amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tornou-se tema de debate público e vem despertando o interesse de um número crescente de pesquisadores. O fenômeno, que possui determinações complexas, tem colocado à baila a relação professor-aluno, que assume, em algumas situações, não nos parece exagero dizer, uma certa dramaticidade. A intensificação dos conflitos, próprios dessa relação, acaba por gerar uma espécie de “guerra” não declarada, onde tem-se apenas perdedores: os professores, pelo estresse físico e psíquico a que estão submetidos, e os alunos, por terem à sua frente mais um obstáculo na produção de seu conhecimento, imprescindível para o exercício da cidadania. A escola, que chegou a ser chamada de “segundo lar” ou apêndice de casa, aparece hoje, na visão de alguns, como “local perigoso”, onde não há previsibilidade sobre o que pode acontecer. Frases do tipo: “não sei mais quem são meus alunos”, “tenho medo de ser atacado, agredido fisicamente”, podem ser ouvidas em reuniões pedagógicas e nos momentos de intervalo das aulas. Por outro lado, o aluno parece não ter claro que o professor é seu aliado. A figura do professor lhe

parece, muitas vezes, distante e repressora. Em síntese, a presença mais intensa da violência, no cotidiano da escola, tem aumentado a complexidade da relação professor-aluno e tornado mais agudos os conflitos próprios da relação. As dificuldades em gerir esses conflitos revelam uma certa “crise” da relação e apontam que os padrões tradicionalmente aceitos já não dão conta de regular essa relação, estando esta sem sustentação na sociedade.

Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassaram, largamente, os corriqueiros atritos verbais e “briguinhas” de crianças. O incremento nas ações violentas que ocorrem no interior da escola, como as agressões físicas e verbais contra alunos e professores, o porte de armas de diversos tipos, brigas de gangues (muitas vezes constituídas por alunos da própria escola), suscita inclusive a presença, cada vez mais freqüente e de forma sistemática, da força policial nesse espaço. A autoridade da escola, bem como de seu principal representante, o professor, parece não ser mais suficiente para resolver tais problemas e restaurar a “ordem” necessária ao desenvolvimento do trabalho pedagógico. Mas, que “ordem”, modelo ou ética seriam necessários hoje?

Trata-se de incorporar, nesse processo, a tarefa de regular democraticamente a convivência, de construir valores comuns e de reivindicar direitos legítimos, como, uma educação de qualidade. Se, por um lado, é temerário depositar todas as nossas esperanças na educação como antídoto de todos os “males sociais”, é, por outro, negligência esvaziarmos ao extremo a função que ela pode desempenhar na sociedade atual. Trata-se, sem dúvida, de um desafio e este trabalho quis ser um esforço nesta direção.

5.5.1 – O papel das mídias na indisciplina: pontos negativos x positivos

A presença das mídias é relevante no mundo atual: sejam impressas, televisivas ou digitais, estão presentes em quase todas as situações do cotidiano. Citando mais precisamente a televisão neste contexto, e considerando que ela está presente na maioria dos lares e o hábito cotidiano de assistir aos

programas fazem dela referência cultural geral, influenciando o modo de pensar, sentir e agir dos telespectadores. O fascínio desencadeado pela televisão em seus assistentes mais habituais – as crianças – é considerado como uma forma alienante de se relacionar com o mundo.

Ao se vacinar contra a violência e a dor pelo excesso de exposições de imagens sobre o tema, é como se o sujeito estivesse fora de sua capacidade crítica de pensar, numa espécie de “vida fictícia” em que se refugia para não encarar a triste realidade individual e social do meio atual (KENSKI, 1995, p. 110).

De acordo com REGO, 1999: “Com este panorama, quem resulta mais afetada é a criança que ainda em processo de desenvolvimento e socialização, constitui um indivíduo cujas características vão sendo formadas a partir da constante interação com o meio – entendido este como mundo físico e social.”

Diante do exposto, surge a necessidade por parte de pais e educadores de conhecer a problemática referente aos efeitos da violência na televisão em crianças e na geração de condutas agressivas apreendidas no início da vida, além de destacar o papel dos adultos na educação do pequeno telespectador para assistir à televisão.

Atualmente, muitas crianças possuem um aparelho de televisão no seu próprio quarto, o qual, como um professor particular pode servir para os melhores ou piores propósitos. A televisão funciona como uma escola paralela freqüentada pela quase totalidade das crianças (RIO GRANDE DO SUL, 1998). Muitas vezes ela representa a única escolha para aqueles milhões de crianças não escolarizadas (WILLIS e STRASBURGER, 1999, p.67).

A cada momento mais crianças assistem à programação adulta da televisão junto com a programação televisiva infantil, na maioria dos casos sem qualquer controle ou participação efetiva dos pais, os quais, se presentes constituem consumidores televisivos desinformados, deseducados e desatualizados com falta de critérios educacionais respeito à infância.

Contudo, não se pode esquecer que a televisão não tem uma finalidade moral se não instrumental e que seus efeitos positivos ou negativos dependerão

do uso que se faça dela. O conteúdo da televisão pode constituir um espaço de valores culturais que reforçam qualidades como solidariedade, cooperação e comunicação (ROIG, 1997, p. 62).

A mídia desempenha na sociedade uma função central durante o desenvolvimento da socialização das crianças, através da transmissão social das representações e valores da sociedade.

Na época atual, a leitura e a interpretação do mundo realizada pelas crianças, mostra-se como sendo feita não mais apenas através da família e de escola, mas, também, através do ambiente urbanizado de habitação e de vida, dos grupos de mesma idade e da “mídia” que estão presentes em suas horas livres, em suas ações e brincadeiras quotidianas.

Assim, se evidencia a importância que a televisão tem na vida das crianças – e das pessoas em geral –, além da sua posição como formadora de opiniões. Sobressai a forma acrítica com que a maioria dos adultos assistem aos programas sem oferecer nenhuma orientação ao “pequeno telespectador”; se destaca aqui o papel dos genitores e educadores, principalmente.

É necessário que haja uma seleção do que a criança vê na televisão, é função de pais e educadores orientar e esclarecer sobre o que a criança está assistindo. Este papel, é por vezes bastante difícil, uma vez que grande parte da população brasileira tem uma média de escolarização muito baixa. Além disso os educadores, assim como os pais, estão desinformados e desatualizados a respeito do conteúdo de programas televisivos o que leva ao favorecimento de desinformadas e acríticas práticas consumidoras televisivas, interferindo nas relações sociais entre educadores e crianças.

Conclui-se que a formação do pequeno telespectador está diretamente relacionada com a educação do telespectador adulto, o que representa um grande desafio educacional.

5.6 – O resgate de valores éticos e morais na construção da disciplina escolar

5.6.1 – O Papel da Família

A criança, ao nascer ainda não tem nenhuma noção de valores, então cabe aos pais paulatinamente mostrar aos filhos em todas as ocasiões, pelo seu próprio modo de ser e de viver, o que se pode ou não pode fazer numa sociedade. Sem contar que ninguém pode respeitar seu semelhante se não aprender quais são seus limites incluindo a compreensão de que nem sempre se pode fazer tudo o que quer na vida.

É importante lembrar que para dar limite, os pais têm também que ter limite, eis então a seguir algumas regrinhas básicas sugeridas por Tânia Zagury (2008, p. 163) que os pais não devem esquecer em hipótese alguma:

- *Jamais aplique limites a seu filho visando ao seu próprio interesse ou prazer pessoal;*
- *Não viole regras; isso também é falta de limites. Lembre-se seu filho está aprendendo permanentemente com você;*
- *Não estabeleça regras diferentes para seus filhos. O que vale para um, vale para todos;*
- *Não use os limites como desculpa para sua pouca paciência ou tolerância quanto às necessidades dos filhos;*
- *A pretexto de usar limites, não espere que seu filho compreenda, aceite e se comporte além do que as necessidades da idade permitem.*

Devido à falta de limites que é acentuado nas famílias (principalmente nas que residem em redor da escola pesquisada, com famílias de baixa renda e grande degradação estrutural) nas escolas a dificuldade de fazer a criança entender a importância da obediência às normas e o respeito à moral e a ética, tais dificuldades podem acarretar nos jovens problemas de identidade, dificuldade de diálogo, desvios de condutas, busca de refúgios nas drogas e outros tipos de vícios. Na sala de aula, em determinadas situações, a agressão sem motivo ao colega ou a negação ao cumprimento de normas significa a busca de limites e de atenção. São constatados que limites são necessários para a obtenção do equilíbrio emocional do indivíduo.

A família é a primeira instituição social, segundo a Bíblia é dela a responsabilidade de educar os filhos no caminho em que devem andar, para que quando forem velhos não se desviem dele, ou seja, façam o que é correto.

Infelizmente essa instituição caiu em descrédito, a constituição familiar modelo, quase não existe mais, para muitos ensinar o caminho certo, é apenas uma questão religiosa, o que torna as coisas ainda mais complicadas do ponto de vista moral, ético e social.

Qualquer projeto educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas do incentivo; em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola. (CHALLITA, 2004, p. 17)

Entende-se que família é o primeiro contexto de socialização da criança. Portanto deve exercer grande influência nas ações praticadas pelas crianças e adolescentes, mas segundo relato de professores os alunos chegam às escolas sem a mínima noção de limites e respeito. Percebe-se ainda que onde não há participação efetiva da família na educação da criança, a escola não consegue atingir seus objetivos.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar os valores éticos e morais, acompanhar e orientar os filhos.

Por ser, o diálogo a base fundamental de qualquer relacionamento, é importante enfatizar que disciplina familiar não é sinônimo de rigidez e de autoritarismo. Em muitos casos, a indisciplina da criança é resultado da falta que elas sentem dos pais que para compensar a ausência e distanciamento dos filhos em função de suas necessidades básicas, alguns pais não cumprem a responsabilidade de educar e deixam os filhos agirem com liberdade fazendo-lhes todos os seus desejos. E, a criança ao perceber que não existe limite para suas vontades e comportamento não cumpre regras em casa e quer fazer o mesmo na escola e conseqüentemente na sociedade.

O conceito de família tradicional composto por pai, mãe e filhos já não tem muito valor, percebe-se que muitas crianças são criadas e educadas pelos avós,

em outras situações a mãe tem dupla função – a de pai e de mãe - e ainda é a única responsável pelo sustento e educação dos filhos. A ausência do pai ou da mãe em muitos casos gera revolta que traz conseqüência como rebeldia, falta de concentração e que muitos interpretam como indisciplina por parte da criança. Há ainda os que presenciam brigas constantes entre os pais e que são vítimas da violência. Nota-se que o conceito de família é complexo e varia de acordo as culturas “... agressividade, rejeições e atitudes impensadas podem criar um alto volume de tensão emocional em nossos filhos, gerando cicatrizes para sempre”. (CURY, p.18, 2008)

Como afirma Cury, as experiências dolorosas ficam marcadas para sempre na memória, principalmente quando são provocadas por pessoas queridas. Muitos pais quando erram com o filho tentam compensá-lo, comprando-o ou dando-lhes presentes. Sabe-se ainda que as velhas broncas e os sermões não funcionam, só desgastam a relação.

É provável que quando o filho erra, espera-se uma atitude do pai, mas é preciso saber corrigir erros e ensinar a pensar e muitas vezes criticar comportamentos inadequados de maneira brusca ou ríspida, pode não gerar crescimento, mas agressividade e sofrimento.

5.6.2 – A contribuição da Escola no processo de resgate de valores

Faz parte do papel do gestor ouvir queixas e reclamações de pais, portanto é preciso saber ouvi-los e seduzi-los, pois os mesmos ao perceberem que há uma pessoa equilibrada capaz de ouvir, de orientar, de reconhecer erro e de reafirmar acerto todos os envolvidos no processo sairão ganhando.

Para Chalita (2004, p.182,) “... Não basta reclamar da ausência dos pais em reuniões. É preciso que se criem momentos mais formativos e lúdicos do que as monótonas e antiquadas reuniões para motivá-los à participação”.

É ainda de responsabilidade do gestor, a organização e disciplina do ambiente escolar, pois o aluno tem que entender que há limites, pois o papel de líder é essencialmente o papel de educador.

O papel do professor é de relevância vital para o amadurecimento da sociedade e a difusão do conhecimento, da cultura. Mas é preciso que ele acredite no que diz que tenha convicção em seus ensinamentos para que os seus alunos também acreditem nele e se sintam envolvidos. Chalita (2004) exemplifica o professor através do filósofo Sócrates, pois o mesmo andava com seus alunos e ironizava a sociedade da época com o objetivo de fazê-los pensar, de provocá-los a reflexão, o senso crítico. E ainda destaca, Jesus Cristo, o maior de todos os mestres da humanidade, que convencia multidões através de histórias, parábolas e fazia uso também de uma pedagogia. Vale ressaltar que o Grande Mestre não registrava as matérias, não se desesperava com o conteúdo nem com as formas de avaliação. Sócrates e Jesus Cristo foram educadores formaram pessoas melhores.

No artigo 13 da LDB dispõe sobre a função dos professores e possibilita notar que o papel do professor está muito além da simples transmissão de informações, não deverá apenas participar da elaboração da proposta pedagógica, mas também decidir solidariamente com a comunidade escolar, o perfil de aluno que se quer formar, os objetivos e metas a alcançar.

Durante a execução desta pesquisa na Escola Mun. Professora Terezinha Marins Pettres foram analisados relatos e ocorrências (registradas em Livro ATA da Escola, alguns em Anexo) onde se pode verificar que num todo as queixas dos professores são principalmente da falta de concentração ou desinteresse dos alunos pelas aulas; o não cumprimento das atividades propostas em sala de aula; pequenas brigas entre colegas ou porque a criança conversa muito e atrapalha o andamento das aulas. Percebe-se que alguns chegam a ser atos de violência e não são raros os casos de desacato ao professor, e que muito interferem no processo ensino-aprendizagem.

Nas situações citadas acima consideradas graves é solicitada a presença dos pais na escola, nota-se que a maioria das crianças tem um histórico marcado

por desajuste familiar, carência afetiva e econômica ou ainda vivem com os pais, que acham que a missão educar é única e exclusiva da escola.

O diálogo tanto com o aluno quanto com os pais acontecem freqüentemente ou sempre que necessário. Os mesmos podem falar o que estão achando do trabalho da escola ou sugerirem o que pode ser melhorado. Nas conversas os pais são orientados sobre a importância de participarem efetivamente do processo de ensino dos filhos e incentivados a serem parceiros da escola. Vale ressaltar que a autonomia, o diálogo e o envolvimento do gestor nas questões pedagógicas fazem muita diferença.

Quanto à figura do professor, observa-se que este tem amplo poder nas mãos e pode fazer muita diferença na vida da criança, pois é capaz de transmitir segurança e afeto; que não adianta agir com autoritarismo, pois agindo assim só conseguirá despertar raiva no aluno e conseqüentemente gerar atitudes consideradas indisciplinadas como desinteresse pelas aulas; desrespeito pelo professor.

O gestor, por sua vez precisa ter autonomia e estar fortemente preparado para lidar com a referida problemática, e que as regras e normas estabelecidas no ambiente escolar devem ser seguidas e obedecidas por todos, pois é preciso que o aluno perceba que não tem apenas direitos, mas também deveres. O trabalho precisa ser coletivo, principalmente com a família que deve ser atuante e parceira e se necessário contar com a ajuda de outros setores da sociedade.

Este desafio só será vencido quando escola, família e sociedade realizarem um trabalho coletivo, contínuo que resgate os valores éticos e morais que foram se perdendo ao longo das mudanças rápidas que a evolução e o progresso vêm impondo à humanidade.

5.6.3 – A construção de regras coletivas

Num ambiente escolar onde imperam muitas manifestações de indisciplina, faz-se necessário pensar na construção coletiva das normas. Entende-se por coletivo, todos os atores da instituição escolar que estão envolvidos com o processo de aprendizagem, entre eles, a escola como um todo, alunos, pais e professores.

De acordo com FRAZATTO (2001, p. 174), “trabalhar regras é mais importante do que ter uma classe quietinha”. A Psicologia do desenvolvimento explica, que, na medida em que as crianças participam da construção das regras, elas são capazes de assumir as mesmas.

Segundo o autor VASCONCELLOS (1994):

O professor deve propiciar o estabelecimento em conjunto da regras de trabalho em sala de aula, através do levantamento das necessidades dos alunos (e da escola), da avaliação das regras existentes. Uma vez elaboradas, e não devem ser muitas, fixar em lugar visível e/ou registrar no caderno, na agenda escolar. No entanto, se o processo de elaboração das normas com a classe for feito de maneira ingênua ou “aligeirada”, pode perder toda sua significação. Mais do que chegar a “Regras” da classe e da escola, trata-se de um processo de conscientização.(...) Ajudar o grupo a refletir; “perder tempo” para discutir. Debater, avaliar periodicamente, respeitar a caminhada e deixar sempre em aberto a possibilidade de revisão das normas. (p. 86)

É importante que as regras estabelecidas por todos os atores da escola, sejam assumidas por todos também. As normas construídas são fundamentais para o desenvolvimento das atividades no ambiente escolar, pois é através delas que as crianças se orientam e sabem como devem agir nos diferentes momentos da sua rotina.

Não se trata de definir o que não é permitido fazer na sala de aula e na escola, mas abrir um diálogo entre professores e alunos para estabelecer o que é bom para todos. Isto, de acordo com a realidade de cada espaço escolar.

Ao participar da construção de regras, a criança aprende a ser parte de um grupo, ao mesmo tempo em que desenvolve a sua autonomia. Mas, para isso, é necessário que o educador tenha segurança sobre os limites que deseja estabelecer. Precisa também ser franco com as crianças, explicando porque algo pode ou não ser feito.

não é preciso abrir mão da sua autoridade, mas é importante não ser prepotente ou desvalorizar a criança que deixe de cumprir alguma regra. A compreensão, pelo educador, dos limites da criança para cumprir as regras do processo pelo qual essa capacidade se desenvolve é fundamental para possibilitar o direito de expressão da criança. (FRAZATTO, 2001, p. 175)

Para crianças muito pequenas, é difícil entender e respeitar regras, pois elas se encontram em processo de construção da habilidade de entender e respeitar regras de convivência social. Além de construírem coletivamente as regras no ambiente escolar, o professor pode ajudar seus alunos a lembrá-las sempre que possível, para que as fixem melhor e entendam seu significado, que é o de estabelecer os direitos e deveres de cada um, e não apenas uma proibição. Por isso, se torna mais fácil ensinar às crianças o que deve ser feito, ao invés de, proibi-las de fazer algo errado, sem ao menos explicá-las o porquê.

Trabalhar regras com as crianças é um exercício longo, que pede constância, paciência e tenacidade. Mas fará nossas crianças capazes de conviver de forma saudável e gostosa com as diferenças entre as pessoas respeitando-as em seus limites. (FRAZATTO, 2001, p.175)

6 - DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

As observações e pesquisas serão desenvolvidas dentro de 2 eixos principais:

- Investigação na escola
- Debates/entrevistas

6.1 – Metodologia:

Para a realização deste trabalho foi utilizada a pesquisa exploratória, de campo e bibliográfica, que tem como finalidades proporcionar maiores

informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

A pesquisa exploratória é um estudo que tem por finalidade buscar maiores informações sobre determinado assunto, facilitando a delimitação de um tema de trabalho, bem como definir objetivos e/ou formular hipóteses de uma pesquisa. Pode ainda descobrir um novo enfoque para a pesquisa que se tem em mente, visando a aproximar o pesquisador do tema de investigação (RUARO, 2004, p.16).

Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

6.2 - Investigação da indisciplina no cotidiano da escola:

6.2.1 - Análise da Coleta de Dados

Para que se pudesse perceber até que ponto os pressupostos teóricos contribuem para a interpretação da realidade e o objetivo do estudo pudesse ser alcançado, foi verificada a necessidade de uma pesquisa de campo. Nesse sentido, optou-se por indagar a alguns professores sobre o comportamento de seus alunos no ambiente escolar. Solicitou-se a estes professores que observassem as crianças a partir do referencial de indisciplina. A seguir, os professores foram submetidos à investigação propriamente dita, respondendo a um questionário sobre o assunto. Este questionário traz perguntas relativas ao comportamento de alunos e as concepções e postura dos professores, frente às situações de indisciplina no ambiente escolar.

Após a coleta dos dados do presente estudo, a importância recai na análise e interpretação dos mesmos, com o objetivo de obter um quadro da situação. Depois o interesse maior é buscar soluções para os problemas encontrados, o que resume o principal objetivo desse estudo.

O questionário foi apresentado as professoras da Escola Municipal Professora Terezinha Marins Pettres, que atualmente conta com aproximadamente 808 alunos, e estas professoras serão identificadas por uma legenda de letras, de maneira a preservar suas identidades : G, E, M, F e C.

A experiência docente é bastante variada. A professora G trabalha no magistério há 21 anos, E há 16 anos, M há 9 anos, F há 6 anos e C há 2 anos. Sem dúvida, a grandiosidade das informações relatadas, está proporcionalmente relacionada com as experiências dessas professoras. O resultado da coleta de dados será muito importante, na medida em que compõe uma amostra de impressões de cada professora, que poderá permitir uma análise crítica da problemática. As respostas das entrevistadas são de caráter informal, já que anteriormente, não fizeram nenhuma leitura do tema estudado e nem foram esclarecidas por especialistas da área. Durante a investigação, as professoras não trocaram idéias, de modo que as respostas pessoais não sofressem influência de terceiros e pudessem parecer equivocadas.

Até a pergunta nº 4 não há muita discordância entre as entrevistadas, apesar das respostas serem parecidas em alguns aspectos. As professoras apenas relatam suas experiências pessoais, sem abrirem muito o leque de respostas.

A pergunta nº 5 indaga sobre as possíveis causas para a ocorrência da indisciplina e violência escolar e permite a abertura das respostas para opiniões. As respostas colhidas foram:

- G – O descaso da família, a miséria e a violência das ruas.
- E – As más condições de vida, a falta de valores e a violência.
- M – A família que não impõe limites, a falta de interesse dos alunos e as salas lotadas.
- F – O clima geral de violência, a falta de limites e o desinteresse das crianças.
- C – A falta de exemplos da família, o desrespeito às regras e a vida muito solta nas ruas.

As respostas são muito parecidas. As professoras apontam, basicamente, que as causas possíveis da indisciplina escolar ocorrem devido à falta de limites e imposição de regras pela família, além de considerarem que a violência contribua também.

Há uma divergência a partir da pergunta nº 6, quando se questiona o que as professoras entendem por indisciplina escolar. Assim elas responderam a pergunta:

- G – Indisciplina é o aluno não aceitar e respeitar regras e normas da escola e do professor.
- E – A indisciplina é o comportamento agitado do aluno. Não ficar quieto.
- M – Quando o aluno é desobediente, não escuta o que o professor fala e é implicante com os colegas.
- F – Pra mim, indisciplina escolar é o aluno fazer bagunça e desrespeitar o professor.
- C – É o aluno ter uma atitude agressiva com o professor e ser violento.

Analisa-se as opiniões e é neste momento que percebe-se que o conceito de indisciplina leva a diferentes interpretações com base nos diferentes olhares. Percebe-se a falta de informação das professoras de que a manifestação da indisciplina pelo aluno possa ser um sinal de que alguma coisa não vai bem, ou em casa ou na escola, e que é preciso fazer uma análise do fato.

Nesse sentido, destaca-se a visão de BARRETO, citado por VASCONCELLOS (1994, p. 38):

Que conceito de disciplina tem a maioria dos educadores? Geralmente, disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que comporta-se como o professor quer.

Não sabendo como lidar com a indisciplina, e na busca incessante por soluções, os professores acreditam que alunos disciplinados são aqueles que obedecem, ficam quietos, prestam atenção a tudo que lhes é ensinado.

A questão nº 7 indaga sobre a prática do controle sobre a classe, em termos de disciplina. Eis as respostas a esta pergunta:

- G – Só com o olhar já controlo meus alunos. Faço questão de uma sala de aula disciplinada.
- E – Tento conversar. Se não funciona, a criança perde o direito de brincar no recreio.
- M – Às vezes aplico castigos. Mas acho que não funcionam, pois os alunos voltam a aprontar novamente.
- F – Eu deixo de castigo pra ver se melhora.
- C – Eu não deixo brincar, não deixo ver vídeo, passo cópia. Às vezes, chamo o responsável pra conversar. É a única coisa que resolve, quando resolve.

Infelizmente, percebe-se nas respostas apresentadas, que a consequência para os atos de indisciplina no ambiente escolar da modernidade, tem sido a imposição de castigos.

Segundo WEIL (2002):

Se se fizesse a estatística da frequência de castigos e recompensas distribuídos pelos professores, encontrar-se-ia, provavelmente, proporção muito maior dos primeiros que dos segundos; isto provém de uma concepção errada da educação; pensam que educar equivale a corrigir, enquanto se sabe hoje que é muito mais eficiente estimular as crianças a trabalhar, estudar fazer o bem em geral, que ralhar e punir quando não trabalham ou fazem alguma coisa errada. (p. 128)

O professor acredita que punindo o aluno com castigos, ele estará aprendendo a se comportar, o que não é verdade, tendo em vista os relatos das professoras M e C. A professora M questiona sua própria postura, pois salienta que os alunos voltam a se comportar com atitudes indisciplinadas. A professora E afirma que consegue o controle do aluno, apenas com a presença do seu responsável para uma troca de diálogos. WEIL (2002) escreve sobre os cuidados para a aplicação de castigos, pois eles podem desenvolver o medo, a angústia, e levar a criança a sentir vontade de agir errado. E complementa, salientando a

importância das recompensas e prêmios, como estímulos favoráveis ao esforço e rendimento de cada criança.

A pergunta de nº 8 indaga qual a reação dos alunos quanto à postura de controle de disciplina sobre a classe, exercida pela professora. As respostas foram as seguintes:

- G – Meus alunos me obedecem e respeitam.
- E – Eles demonstram uma certa resistência no início, fazem birra, mas acabam cedendo.
- M – Simplesmente não obedecem. Aí é que provocam mesmo .
- F – Agem como se eu não fosse a autoridade na sala de aula. Não respeitam.
- C – Às vezes me escutam, outras não.

Percebe-se que as professoras M, F e C, ainda encontram uma resistência dos alunos com relação a sua postura. Isto porque elas os estão tratando com uma postura repressiva, usando a autoridade para fazer cumprir as regras sem discussão. Daí o comportamento do aluno em manter uma resposta a tal postura.

Questiona-se na pergunta nº 9 se as professoras acreditam que um ambiente indisciplinado pode atrapalhar a aprendizagem dos alunos. Ao responderem a esta questão, as professoras assim se manifestaram:

- G – Sim, porque pode levar a distração e desinteresse do aluno.
- E – Com certeza, um ambiente indisciplinado atrapalha o rendimento dos alunos. Eles ficam agitados e não se concentram no que estão aprendendo.
- M – Sim, pois atrapalha o andamento das atividades, porque os alunos ficam dispersos, agitados e incontroláveis.
- F – Acho que sim, pois acontece de parar a aula a toda hora pra chamar a atenção, pedir silêncio, pedir pra sentar, etc. Aí a aula não rende quase nada.
- C – Creio que sim, porque faz com que o aluno fique disperso e chame a atenção de outros alunos, dificultando a concentração.

Percebe-se que todas as professoras concordaram que existe uma influência negativa de um ambiente indisciplinado na aprendizagem dos alunos. Porém, nenhuma questiona sobre quais são os fatores que levam o ambiente a ficar indisciplinado, levando a distração, desinteresse e a agitação dos alunos.

A questão nº 10 finaliza a investigação e a análise dos dados indagando as professoras que sugestão dariam para a não manifestação da indisciplina no ambiente escolar. As sugestões foram:

- G – Sugiro que família e escola mantenham-se num elo forte capaz de superar qualquer problema, como o da indisciplina.
- E – É preciso que os responsáveis ajudem as crianças na construção de valores. Elas estão perdidas.
- M – Que os pais e os educadores dêem limites e estabeleçam regras a fim de manter a ordem e a disciplina.
- F – Que as crianças sejam educadas, desde cedo, a obedecer e respeitar o que se pode ou não fazer. E que a violência diminua, pois é um mau exemplo.
- C – Que se construa a disciplina na família, para que, quando a criança for pra escola, já saiba como se deva comportar.

Esta última questão é muito importante, pois, como ocorre na questão 1, há uma convergência de que, é através da família que a criança adquire disciplina e limites. Sugerem que, ao chegar a escola, o aluno já esteja pronto a construir valores e possam respeitar regras que serão essenciais para o seu desenvolvimento e sua vida.

Depois de colher as respostas das professoras ao questionário, apurou-se um resultado que revela algumas evidências. A primeira delas, refere-se à falta de conhecimento em saber lidar com a questão da indisciplina no cotidiano escolar. As professoras ficam confusas quando precisam emitir opiniões sobre o conceito de indisciplina. O que resulta dessa condição, é um tratamento inadequado dos problemas que se apresentam no ambiente escolar.

O que se pode concluir do painel que se forma através das respostas ao questionário apresentado às professoras?

- 1) Que nem sempre uma experiência maior é sinal de uma postura melhor diante de situações que envolvam a falta de disciplina.
- 2) Que o índice de comportamentos indisciplinados aumentou nos últimos anos, junto com o aumento da violência.
- 3) Que o professor não tem conhecimento técnico competente para lidar com eventos deste tipo.
- 4) Que os professores, de modo geral, se envolvem com os problemas ocorridos na sala de aula e na escola e se empenham em resolvê-los, embora nem sempre sejam felizes em sua intenção.
- 5) Que os professores reconhecem que o papel da escola mudou ao longo dos anos, mas desconhecem que, para lidar com a indisciplina no ambiente escolar, faz-se necessário que as normas e regras escolares não sejam impostas por eles, mas sim construídas coletivamente. Esta prática ajuda que os alunos assumam seu comprometimento e aprendam a respeitar as normas.

6.2.2 – Observações dos alunos

A princípio buscou-se observar através dos livros de ocorrências/atas da escola, que tipo de problemas os educadores estavam enfrentando, de que natureza tratavam-se, para a partir disso embasar as ações junto aos alunos.

Estes anexos estão apresentados ao final do trabalho, porém, solicita-se que se tome o máximo de cuidado ao publicar esta pesquisa, preservando a identidade dos alunos envolvidos e seus familiares.

Com esta observação concluiu-se que os problemas em sua maioria eram decorrentes de falta de educação, daquela educação básica, sem complexidade que os pais precisariam ter passado aos filhos desde pequeninos. Do não agredir, não pegar sem pedir, de agradecer, de valorizar o outro.

Em decorrência disso, ela traz consigo para a escola o reflexo desta educação não sadia e deficiente, gerando hábitos de violência e desrespeito aos colegas e professores.

Nestas ocorrências, o que mais chama a atenção, é que nem sempre os pais comparecem, e que em algumas situações defendem os filhos. Por outro lado, quando as atitudes foram tomadas em conjunto: escola x família se obteve resultados melhores e positivos. Embasando, assim as conclusões da pesquisa, levando a acreditar que se cada vez mais as famílias atuarem na construção da educação moral e ética dos filhos, desde cedo, certamente os menores se sentirão mais seguros e mais preparados para o convívio grupal, para que estes jovens e crianças integrem-se nestes valores, visando à alegria de viver com prazer, preparando-os para futuros cidadãos, inseridos numa sociedade equilibrada, onde será possível encontrar a paz e segurança.

6.2.3 – Conversas com os alunos e debates

Através de conversas com os alunos, percebe-se e avalia-se que tipo de educação eles recebem em casa, como seus pais os educam para a convivência com os outros.

Nesta etapa da pesquisa, avaliou-se que as conversas sadias entre adultos e crianças são quase que inexistentes. Os diálogos mal passam de trocas de palavras hostis, sem muita valorização dos acontecimentos cotidianos das crianças na escola ou na rua. Muitos comentaram que mal viam seus pais, pelos problemas de horários de trabalhos confusos dos mesmos, ou então decorrentes de brigas entre os membros da família. Por exemplo: uma aluna do 2º ano “ E”, desenhou ela no quarto chorando, enquanto seu pai com um revólver ameaçando a sua mãe.

Problemas de alcoolismo foram relatados várias vezes, violência doméstica, falta de comida, ou mesmo dos subsídios básicos para a sobrevivência digna: luz, água, esgoto. De acordo com a pesquisa, os problemas citados se somam com a miséria e a falta de expectativas de melhoria de vida.

O que chamou a atenção também foi que na maioria das vezes a maior companhia que os alunos tem em casa é a da televisão. Sem a supervisão dos adultos sobre o que eles assistem ou de maneira orientada para algum aprendizado, eles absorvem o que de mais ruim é exibido, cenas de sexo,

violência ou golpes. Observa-se que o aparelho é somente um auxiliar dos adultos para manterem seus filhos longe das perguntas que lhes causam embaraços e os fazem buscar aprender. Os menores ficam ali, retidos por longos períodos de tempo, enquanto seus pais podem tocar suas vidas sem se preocupar.

6.2.4 – Conversas com as famílias

Posteriormente, avaliou-se diretamente nas casas das famílias quais são os valores que eles passam para seus filhos. E o que concluiu-se foi assustador: quase nada!

Adultos não comprometidos com a educação moral de seus filhos e relativamente desesperançados com um sistema que os agride a todo momento, relegando-os a um lugar acerca da sociedade.

Esta visão que os pais fazem do mundo os leva a não ter motivação em educar filhos para a cidadania e o bem estar comum. De modo que leva a crer que toda ação gera uma reação: a sociedade os deixa de lado, quando entram num supermercado com roupas simples e as vezes sujas, e eles reagem agredindo os filhos desta mesma sociedade, na escola ou na rua, como se fosse a única maneira que eles dispõem para agir.

Percebe-se que se o outro tem algo que você não tem, então aquele passa a ser refém daquele objeto ou atitude de respeito.

A degradação percebida foi tal, que quase leva a crer que não exista solução. Algum pai relatou que se o filho for à escola, apanhar de um colega e não reagir, este ao chegar em casa haverá de apanhar dele mesmo, para aprender a se defender...

6.2.5 – Possibilidades de intervenção

Através dos resultados apresentados pela pesquisa de campo e exploratória, orientar professores, educadores a trabalhar com as crianças com projetos que visem trazer para a realidade delas um pouco de amor,

compreensão e beleza, para que se sintam seguros e amados. Proporcionar encontros com as crianças, em espaços alternativos, onde possam falar de si, de seus anseios, dificuldades, temores e alegrias, enfim uma troca de sentimentos, favorecendo um clima harmonioso e saudável para um eficiente aprendizado.

Demonstrar que cada vez mais é necessário a formação de grupos que explorem a dinâmica: escola x família x alunos. Segundo ARIÉS (2006) “ a família era uma realidade moral e social, mas não sentimental”. Acredita-se que o melhor caminho a tomar é as famílias aliarem-se aos educadores, num encaixe diferente e não-formal, de maneira que as crianças ocupem seu tempo ocioso ou fora da escola também com pensamentos construtivos e idéias de valores morais e de bom convívio.

A instituição escolar, muitas vezes, é um palco onde os alunos precisam ser vistos, onde trarão as suas frustrações, suas raivas, seus medos, desencadeando assim o fato indisciplina, segundo afirma a psicóloga Neide Apriele, e ainda, o aluno deve ter a permissão e a segurança de buscar o orientador educacional no seu cotidiano para aconselhá-lo, e não somente em casos extremos que for encaminhado para o serviço, como na maioria da instituições.

O trabalho com a família também é essencial, pois nesses casos ela segue uma linha desordenada, desorientada, sem saber quais ações devem ser tomadas com esse filho, e o cenário do orientador educacional se faz, detectando no aluno seus anseios frustrados, suas necessidades, inseguranças, excessos de cuidado e carinho ou se é simplesmente um problema em corresponder-se com normas e regras.

Então, ouvir o aluno, trabalhar dentro de todos os seus aspectos emocionais, cognitivos, estéticos, sociais e interpessoais, é o principal meio para o orientador agir junto ao aluno e à família para combaterem a indisciplina. Lidar com essa problemática não é fácil, e o orientador media as ações para satisfazer, mesmo que parcialmente, as situações problemas do nosso dia a dia escolar. Orientando-os para uma nova praxes educandos pesquisando os fatores geradores desse processo indisciplinar,

7 - CONCLUSÕES

Nenhum ser humano nasce com impulsos agressivos ou hostis e nenhum se torna assim sem aprendê-lo. Quanto mais cedo atue a aprendizagem no campo das relações pessoais, dos pensamentos e dos conflitos que nelas se originam, mais fácil será neutralizar as respostas violentas e descontroladas.

Dar para as crianças a certeza de que a solidariedade, o respeito, a honestidade e o diálogo não estão “fora de moda”. Fazê-los acreditar que mesmo quando grande parte da sociedade não respeita estes princípios, ou a si próprios, é possível conviver sem fazer uso da violência ou da agressão verbal e que muitos limites precisam ser respeitados.

Criar adultos dignos é tarefa digna da família, porém a escola tem grande parcela de responsabilidade já que a realidade de nossas famílias é bastante precária, não apresentando condições ideais para esta boa educação.

A criança faz do adulto, pais e professores seus modelos e inspirações, quando jovem serão tão fortes ou reversamente tão inseguros quanto lhes foram ensinados a ser.

Através do estudo teórico acerca do tema da pesquisa e também da investigação junto aos professores da escola pública, conclui-se que as manifestações da indisciplina no cotidiano escolar não podem ser consideradas apenas um problema do aluno ou de sua família. A indisciplina envolve também a escola e a sociedade como um todo.

Na verdade, não é o aluno ou a escola que podem ser considerados indisciplinados, mas sim as relações e situações que se estabelecem no ambiente escolar é que se tornam indisciplinadas.

Para entendermos como a indisciplina se engendra no cotidiano escolar, faz-se necessário uma compreensão de todos os envolvidos, entre eles, a sociedade, a família, a escola, o professor e o aluno.

Durante muitos anos a sociedade sofreu grandes mudanças como, por exemplo, a busca por melhores condições de trabalho, de saúde e de moradia. Além de sofrer com o desemprego, a miséria e a violência dos grandes centros urbanos.

Com isso, a família, que era responsável pela educação moral de seus filhos, ficou desestruturada, não podendo oferecer a educação pautada nos valores, no respeito mútuo, na compreensão, na solidariedade, etc.

Nesta dinâmica, a escola, principalmente a pública, acabou sendo atingida pelas mudanças ocorridas na sociedade e na família. A maioria dos alunos que nela estão inseridos, é oriunda de família que não estabelece limites aos seus filhos, além de ser bastante permissiva, deixando seus filhos agirem como quiserem.

Quando chegam à escola, estes filhos de camadas populares, ainda encontram, na maioria das vezes, professores que apresentam uma postura repressora, autoritária, de detentor do saber e de todo o conhecimento, não deixando o aluno desenvolver sua autonomia e responsabilidade. Ou então, um professor que age através de uma postura totalmente liberal, e deixam seus alunos agirem da maneira que querem.

As conseqüências atingem o relacionamento entre professor e aluno, que envolvem a falta de diálogo e de respeito, a falta de afeto e carinho e levam às manifestações de indisciplina, de desobediência e de rebeldia.

Contudo, a compreensão maior dos problemas da indisciplina no ambiente escolar recaem em entender a importância da construção de regras coletivas para o bom funcionamento das práticas escolares.

A consciência, antes de tudo, precisa ser coletiva e deve envolver todos os participantes da ação pedagógica. O professor não pode continuar culpando a sociedade ou a família da indisciplina de seus alunos, e também não pode deixar que seus alunos desrespeitem as regras escolares. Por isso, é importante explicar aos alunos porque as regras existem, para que servem e de que modo elas podem ser colocadas em prática.

Nesta perspectiva, de construção coletiva para o bem de todos, estará, ao menos, tentando resolver esta problemática, que cresce a cada dia, mas que tem chances de ser minimizada e até mesmo abolida.

8 - REFERÊNCIAS:

_____. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, 2ª Ed. São Paulo: Cortez. Brasília: MEC, Unesco, 1999. 2011.

AMARAL, Daniela P do. **Ética, moral e civismo**: difícil consenso. *Cad. Pesqui.* [online]. 2007, vol.37, n.131, pp. 351-369. ISSN 0100-1574. doi: 10.1590/S0100-15742007000200007.

BELLONI, Maria L. **Crianças e mídias no Brasil**: cenários de mudanças. Ed. Papyrus, 2010.

CHAGAS, Kleuza Martins. **Indisciplina na Escola**: de quem é a culpa?. Disponível em <http://virtual.facinter.br/monos.php>. Acesso em 9 de março de 2011.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 1ª ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: e o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier. 2004.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRAZATTO, Lenice. Pensando a disciplina. (Org.) FERREIRA, Maria Clotilde

GARCIA, Xus M; PUIG, Josep M. **As sete competências básicas para educar em valores**, Ed. Summus,

GOMES, Cândido A. **Dos valores proclamados aos valores vividos**. Brasília: Unesco, 2001.(Cadernos Unesco, Brasil, Série Educação, vol. 07).

GUIMARÃES, Á. M. **A dinâmica da violência escolar: conflitos e ambigüidades**. Campinas: Autores Associados, 1996b.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **Escola: Espaço de violência e indisciplina**. Disponível em www.lite.fae.unicamp.br/revista/artigos.htm. Acesso em 21 de janeiro de 2011.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

JOVER, Ana. **Revista Nova Escola**. São Paulo: Fundação Victor Civita. Nº 113, p. 34-36, junho. 1998.

KENSKI, V. M. **Educando o telespectador: criança e adulto**. In: Anais do Seminário Pedagogia da imagem, imagem na pedagogia, 1995. Niterói : UFF/Faculdade de Educação, 1996. p. 110-119.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A . **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1988.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Periópolis, 1999.

MORESCO, Ana Maria e SILVA, Helena da R. Soares. **Indisciplina na Escola: Aspectos Psicossociais das Relações na Escola Contemporânea**. Disponível em virtual.facinter.br/monos/indisciplina_na_escola2.pdf . Acesso em 02 de março de 2011.

OLIVEIRA, M. A. M. (org.). **Gestão Educacional: Novos olhares, novas abordagens**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

REGO, T. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Revista NOVA Escola, ANO XXIV, Nº 226, outubro 2009. **Indisciplina: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor**. (p. 78 a 89). Revista

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Secretaria da Justiça e da Segurança. Comitê de estudos da violência: Impacto sobre a criança e o adolescente. Porto Alegre, 1998. Disponível em URL: www.hcpa.ufrgs.br/psiq/viovalo.html.

ROIG, H. **Uma análise comunicacional da televisão na escola**. In: LITWIN, Edith(org). Tecnologia Educacional: política, história e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Rosseti. **Os Fazeres da Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2001.

RUARO, D. A. **Manual de apresentação de produção acadêmica**: pesquisa textos acadêmicos, apresentação de trabalhos. 1 ed. Pato Branco: Faculdade Mater Dei, 2004.

SASTRE, G; MORENO, M. **Resolução de conflitos e aprendizagem emocional**: gênero e transversalidade. São Paulo: Moderna, 2002.

SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, Maurício da. **Como construir a disciplina e paz nas escola**. Disponível em <http://www.geocities.com/instituente/top>. Acesso em 22 de fevereiro de 2011.

TIBA, Içami. **Disciplina**, limite na medida certa. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de aula e na Escola. São Paulo: Libertad, 1994.

WEIL, Pierre. **A Criança, o Lar e a Escola**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WILLIS, E., STRASBURGER, V. **Violência na mídia**. In: HENNES, H., CALHOU, A. (Red.). Clínicas Pediátricas da América do Norte. Rio de Janeiro: Interlivros, v.2. p.57-71. 1999.

ZAGURY, Tania. **Limites sem Trauma**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Sites consultados:

<http://www.iusbrasil.com.br/politica/4748428/projeto-quer-integrar-familia-e-escola-no-resgate-de-valores-morais>, acesso em 20/08/2010

<http://educaoumatodeamor.blogspot.com/2009/06/projeto-como-escola-pode-resgatar.html>, acesso em 20/08/2010

<http://tiacrisamoremeducar.blogspot.com/2010/01/cultura-de-paz-resgate-do-valores.html>, acesso em 22/08/2010

<http://www.imprensapopular.com>, acesso em 22/08/2010

9 - ANEXOS

9.1 - Anexo 1

Questionário proposto aos professores:

- 1) Como define a indisciplina escolar no seu tempo de estudante?
- 2) Como a definiria hoje, entre seus alunos?
- 3) Como era o seu comportamento com relação a este aspecto?
- 4) Na sua opinião, o que mudou?
- 5) Aponte três possíveis causas da indisciplina, considerando a realidade da sua escola.
- 6) O que entende por indisciplina?
- 7) O que faz para controlar seus alunos, em termos de disciplina?
- 8) Qual a reação dos alunos quanto a sua postura?
- 9) Acredita que um ambiente indisciplinado possa influenciar a aprendizagem dos alunos?
- 10) Que sugestão daria para que a indisciplina não se manifestasse no ambiente escolar?

A seguir, as respostas ao questionário proposto:

Pergunta 1)

- G – Na minha época de estudante não havia muita indisciplina onde eu estudava.
- E – No meu tempo essas coisas não aconteciam, porque a escola tinha mais autoridade e os professores eram mais respeitados.
- M – Anos atrás, conseguia-se controlar a indisciplina.
- F – Aconteciam casos isolados, que eram solucionados pela direção da escola.
- C – A indisciplina já era bastante freqüente. Havia uma falta de controle da situação por parte dos professores e da escola.

Pergunta 2)

G – É um reflexo do que estão vivenciando. O mundo está tão violento, que eles agem assim também.

E – Hoje em dia não existe mais o respeito de antigamente, nem com os professores e nem com a escola em si.

M – Hoje os alunos xingam, batem nos colegas e até desacatam o professor.

F – Defino como se fosse da natureza do aluno, algo que aprendeu com a família.

C – Tem acontecido quase sempre, pois os alunos estão agitados e levados.

Pergunta 3)

G – Eu era boa aluna, comportada, disciplinada. Grande parte da turma era assim também, pois a escola era rígida e exigia isso.

E – Meu comportamento era bom.

M – Sempre fui comportada e recebia elogios da professora.

F – Nunca fui indisciplinada e sempre respeitei as ordens.

C – Sempre obedeci a professora e nunca tive problemas de indisciplina.

Pergunta 4)

G – Os tempos mudaram. Hoje há mais violência nas ruas e nas escolas.

E – Os alunos estão mais mal educados e mais agressivos,.

M – Tudo mudou. A família se desestruturou e a criança, totalmente perdida, age pra chamar a atenção.

F – Na verdade, ocorreu um aumento da violência.

C – Não mudou muita coisa da minha época pra cá. Talvez os valores tenham sofrido mudanças.

Pergunta 5)

G – O descaso da família, a miséria e a violência das ruas.

E – As más condições de vida, a falta de valores e a violência.

M – A família que não impõe limites, a falta de interesse dos alunos e as salas lotadas.

F – O clima geral de violência, a falta de limites e o desinteresse das crianças.

C – A falta de exemplo da família, falta de respeito às regras e a vida muito solta nas ruas.

Pergunta 6)

G – Indisciplina é o aluno não aceitar e respeitar regras e normas da escola e do professor.

E – A indisciplina é o comportamento agitado do aluno. Não ficar quieto.

M – Quando o aluno é desobediente, não escuta o que o professor fala e é implicante com os colegas.

F – Pra mim, indisciplina escolar é o aluno fazer bagunça e desrespeitar o professor.

C – É o aluno ter uma atitude agressiva com o professor e ser violento.

Pergunta 7)

G – Só com o olhar já controlo meus alunos. Faço questão de uma sala de aula disciplinada.

E – Tento conversar. Se não funciona, a criança perde o direito de brincar no recreio.

M – Às vezes aplico castigos. Mas acho que não funcionam, pois os alunos voltam a aprontar novamente.

F – Eu deixo de castigo pra ver se melhora.

C – Eu não deixo brincar, não deixo ver vídeo, passo cópia. Às vezes, chamo o responsável pra conversar. É a única coisa que resolve, quando resolve.

Pergunta 8)

G – Meus alunos me obedecem e respeitam.

E – Eles demonstram uma certa resistência no início, fazem birra, mas acabam cedendo.

M – Simplesmente não obedecem. Aí é que provocam mesmo .

F – Agem como se eu não fosse a autoridade na sala de aula. Não respeitam.

C – Às vezes me escutam, outras não.

Pergunta 9)

G – Sim, porque pode levar a distração e desinteresse do aluno.

E – Com certeza, um ambiente indisciplinado atrapalha o rendimento dos alunos. Eles ficam agitados e não se concentram no que estão aprendendo.

M – Sim, pois atrapalha o andamento das atividades, porque os alunos ficam dispersos, agitados e incontroláveis.

F – Acho que sim, pois acontece de parar a aula a toda hora pra chamar a atenção, pedir silêncio, pedir pra sentar, etc. Aí a aula não rende quase nada.

C – Creio que sim, porque faz com que o aluno fique disperso e chame a atenção de outros alunos, dificultando a concentração.

Pergunta 10)

G – Sugiro que família e escola mantenham-se num elo forte capaz de superar qualquer problema, como o da indisciplina.

E – É preciso que os responsáveis ajudem as crianças na construção de valores. Elas estão perdidas.

M – Que os pais e os educadores dêem limites e estabeleçam regras a fim de manter a ordem e a disciplina.

F – Que as crianças sejam educadas, desde cedo, a obedecer e respeitar o que se pode ou não fazer. E que a violência diminua, pois é um mau exemplo.

C – Que se construa a disciplina na família, para que, quando a criança for pra escola, já saiba como se deva comportar.

9.2 - Anexo 2

Modelos de fichas de acompanhamento de intervenção junto aos pais

Obs.: Solicita-se que ao analisar este trabalho, ou ao publicá-lo, favor retirar os anexos para preservar os nomes dos alunos e de seus pais.

*Remanejado
p/ tarde 4º Ano C*

FICHA DE COMPARECIMENTO

Palmas, 17 de fevereiro de 2011

Senhores Pais:

Considerando que o sucesso da caminhada escolar de seu filho(a), é responsabilidade tanto da escola, quanto da família, este tem a finalidade de solicitar sua presença neste estabelecimento de ensino, a fim de tratar-mos de assunto referente a seu filho(a) Thiago D. de Souza da 4ª An série, do turno matutino, a fim de que possamos tomar medidas que solucionem a problemática apresentada.

Favor comparecer no dia 18/02/2011, conversar com a coordenadora Grés B. Ramalho no período manhã.

Certos de seu ponto comparecimento, agradecemos.

[Assinatura]
Ass: Coordenadora

TERMO DE DEVOLUÇÃO

Eu, Adenice L. B. Womiat, responsável pelo aluno(a) Thiago D. de Souza da 4ª An série, turno matutino, estou ciente de que deverei comparecer neste estabelecimento de ensino, no dia 18/02/11 e conversar com a coordenadora Grés no período manhã.

Data 18/02/11

Ass. do Responsável: Adenice L. B. Womiat

FICHA DE COMPARECIMENTO

Palmas, 25 de março de 2011

Senhores Pais:

Considerando que o sucesso da caminhada escolar de seu filho(a), é responsabilidade tanto da escola, quanto da família, este tem a finalidade de solicitar sua presença neste estabelecimento de ensino, a fim de tratar-mos de assunto referente a seu filho(a) Janessa Ap. Tamascho da 4ª A série, do turno matutino, a fim de que possamos tomar medidas que solucionem a problemática apresentada.

Favor comparecer no dia 28/03/2011, conversar com a coordenadora Inês B. Ramalho no período manhã.
Certos de seu ponto comparecimento, agradecemos.

Inês B. Ramalho
Ass. Coordenadora

TERMO DE DEVOLUÇÃO

Eu, Blaudete Gama, responsável pelo aluno(a) Janessa Tamascho, 4ª série, turno manhã, estou ciente de que deverei comparecer neste estabelecimento de ensino, no dia 27/03/2011 e conversar com a coordenadora Inês B. Ramalho no período manhã.

Data 27/03/2011


Ass. do Responsável: Blaudete Gama

15: Não está frequentando o reforço e precisa urgentemente.
Estamos ajudando a mãe

9.3 - Anexo 3

Fichas de Ocorrências

Nestas fichas observa-se os relatos ocorridos de violência na rotina da escola.



CAIC SENHOR BOM JESUS
 Escola Municipal Professora Terezinha Martins Petres- Ed. Inf e Ensino Fundamental
 - E-mail : caicpalmas@hotmail.com
 Rua: José Joaquim Bahls, nº 1235. Bairro Alto da Glória
 - Fone/Fax : (46) 3263-1604 -
 CEP: 85.555-000 Palmas-

FICHA INDIVIDUAL

ALUNO(A):	Manoel da Silva de Jesus	SÉRIE: 4ª A
ENDEREÇO:		
ENDEREÇO DA MÃE:		FONE:
LOCAL DE TRABALHO:		FONE:
ENDEREÇO DO PAI:		FONE:
LOCAL DO TRABALHO:		FONE:

OCORRENCIAS

DATA	RELATOS
23/02	Advertido - brigando em sala de aula (Vigilês). e a profª Mari que todo o dia ele tem provocado colegas e responde a profª. A mãe estava presente e já foi informada que outra ocorrência seria chamada o Conselho tutelar pl algumas providências necessárias. Acompanh. Sr. da Silva Jaram
27/03/11	A mãe esteve na escola para informar que o Manoel está gripado e com conjuntivite e não frequentará as aulas esta semana. ff
16/03/11	Advertido - se envolveu em confusão na hora do lanche no Alvarado 3ª A. Jaram
12/03/11	Advertido - Atrapalhando em sala de aula brincadeira de mau gosto, ficou sl Ed. Física. Jaram da Silva de Jesus
04/04	Advertido - brigando na hora do recreio com Eduardo e ficando das 4ª séries a solos e pinta pés que nem locos. ficaram sl recreio esta semana e só entraram em sala de aula acompanhados pelas mães: Jaram da Silva de Jesus

